



XXVI-XII-MCMXXIV.

Em Natal

Em Rio Branco de Hollanda

96
SBH
Cp 24 0002

Do sr Joaquim Inojosa recibio a 1ª numero da sua
Crítica com a carta pastoras memorialica que
subscrivi depois de haver lido alguns fascim.
A desculp da carta é o pretexto que os senho-
res tiveram para publicar a Crítica - arte nova,
ethica dinamica, unida, evoluç, contineç, etc.
Vale por um galadim. Ainda desconfiado de sua
della efficacia.

Mas fazamos pelo seu homem essencial
tinha assumpto para muito livro e muito chronica, ao
jito de relatorio ministerial. Deve ter alguns puchados
de inimigos por isso. Euzifiam. Mas millos de millos
sears.

Acceito tambem o meu assumpto pelo ar de novidade,
de vida agil, desentrelada e livre que ali está
Crítica. Ali Joaze... Mas que o julgam incapaz de
ser me granalora, mas, vale o confado illuati,
quando o brasileiro descobre uma novidade esta
esta apudecendo de vellos.

Agora, remetti agora, e' por

002 mg 02

descoliram a necessidade de respirar um ar alheio das
fardões académicos. Vou por barafundas, por bagunça,
como se diz por aqui.

Rua Revista é inteiramente nova, nova
em folha. Cheio. Vento a agradecer-lhe o prazer d'alguém
fazê-lo, e a mais justa esperança de por não fi-
caremos no cenário de Esplanada.

Como o seu vai publicar algo sobre o Jogo tal, e
seja possível escrever uma relação d'um meu amigo.

Com affecto

Ferns de Camara Casado

James Joyce

O CREADOR DE UM RHYTHMO NOVO PARA O ROMANCE

Em James Joyce surpreende e perturba, ao primeiro contacto, o formidável poder creador.

Está a meio sua obra e entretanto parece a metade duma cathedral. Ou uma cathedral inteira. Porque *Ulysses* é talvez o livro mais gothico e mais complexo que desde a *Comedia* de Dante se escreveu.

Nasceu James Joyce com esse sentido architectonico das cousas, a um tempo largo e intenso, que apenas se satisfaz em complexidades de cathedral. Dahi o vertical de concentração que assumiu em *Ulysses* seu poder creador. Sua força joven e virgem de imaginação.

Ulysses é por isto, por esta concentração, de um symbolismo que perturba. De um symbolismo que exige Beadekers como o da cathedral de Toledo e o da cathedral de Chartres. De um symbolismo como o das cathedraes gothicas.

A fecundidade de Joyce não é de superficie: está na concentração vertical. Fecundidade de superficie chama eu a do sr. Blasco Ibáñez, cuja obra tanto se assemelha a uma villa operaria espalhada sobre larga extensão.

Onde foi buscar James Joyce um sentido architectonico tão fóra do tempo, ou talvez tão antecipado ao tempo, pelo seu rhythm gothico e pelo seu folego epico? Nasceu com elle. Mas a eurhythmia da educação por certo que o desenvolveu. Educou-se o romancista irlandês num collegio de padres. De padres jesuitas. Na philosophia thomista, portanto. A qual se approxima da arte como da vida com um criterio ao mesmo tempo architectonico e melodioso: o de *integritas* e o de *consonantia*.

Tambem em Joyce ha um senso agudo da melodia das cousas. Senso de melodia que tambem a influencia catholico-romana, sob a qual foi nascido e creado o artista, deve explicar. Pode-se falar assim da formação de Joyce porque elle proprio a fixou na desse menino doloroso que é Stephen Dedalus. O retratado de *The Portrait of an artist*. O retratado do livro que antecipa *Ulysses*: e no qual Joyce trabalhou dez annos.

Nesse doloroso menino que é Stephen, a se amarfanhar de pudores e de sensibilidades aos primeiros contactos com a vida, deve-se ter desenvolvido no collegio dos padres uma quase doença da melodia. Elle proprio confessa como ao encanto da musica renunciava a consciencia. E como resis-

tir, na verdade, ao encanto dessas rimas em vogaes da psalmodia—bóas e doces como ondas ^{em} rhythm? "Cinnamon et balsamum", "palma exaltatum", "te Deus laudamus", "Beati immaculati" — ha nesse luxo de vogaes que se deixam bater voluptuosamente pela voz, uma escola da musica da phrase.

No meio dellas creou-se Stephen Dedalus. Creou-se James Joyce. Eram-lhes todas as manhãs e todas as tardes batidas aos lubricos ouvidos essas syllabas latinas de psalmodia. Syllabas que não são afinal pures valores melodiosos aristocratizados pelo tempo: trazem em si intimos sentidos, forças que se concentram na consonancia das rimas, toda uma mystica multi-secular, todo o drama liturgico da Igreja de Nosso Senhor.

E ao contacto dessas rimas mysticas, aristocratizou-se em James Joyce o senso melodioso a que Walter Pater attribuia a maior força do estylo. Tanto que o primeiro livro de Joyce — livro de versos, aliás, e um como exercicio de calligraphia para a prosa — chama-se "Chamber Music"; e é na verdade um murmurio abafado e debussyano como o de um canto gregoriano acompanhado a flauta pagã.

Em James Joyce, creador de um rhythm novo para a prosa ingleza, que conseguiu amollecere em valores musicas de um liquido de latim de igreja, de um liquido de oleo quente e ás vezes de sangue vivo, de sangue joven, de sangue virgem; em Joyce é preciso não esquecer a influencia da educação jesuitica. Da vida em collegio de padres, rhythmada pelos exercicios espirituas e pela psalmodia grave. Educação que o ia predispondo para o mais intenso mysticismo — o de padre S. J. — quando o crucifixo lhe cahiu das mãos gothicas de adolescente; e partiu-se. Educação que o acabou predispondo para o esthetismo — o pan-esthetismo, diria, si o sr. Graça Aranha não houvesse barateado a expressão — em que hoje se aguçou a attitude de Joyce perante a vida.

Mas ao esthetismo do homem feito prendem-se ainda raizes do mysticismo de menino. E' assim que no Stephen que em *Ulysses* se analisa e roe no mais pódre da consciencia e da sub-consciencia, sente-se ainda o catholico-romano do collegio de padres. Incapaz de rezar pela alma da mãe, o Stephen homem feito é tam-

bem incapaz de refugir a sensações mysticas as mais extranhas e até macabras que o surpreendem. Um dia, em sonho, sente reprehender-lhe a perda da fé a propria mãe que lhe apparece com o corpo meio comido e um halito cujo cheiro era como o de cinza molhada.

No *Portrait* já se analysara Joyce na crise religiosa de adolescencia ligada á primeira experiencia de amor physico. Experiencia que lhe communicára, com a impureza das marturbações em que antes se requiemara, um senso de peccado de tal forma pungente que só a confissão o alliviaria. A confissão e a promessa de dedicar-se ao serviço "ad maiorem Dei gloriam".

Intensas paginas são aquellas do *Portrait* em que Stephen, sob a aguda consciencia do peccado, segue os exercicios do retiro dirigidos pelos padres jesuitas. A voz acre do pregador evoca os *poena damni*. O adolescente ouve-o em calafrios. E debruçado sobre o proprio eu, como sobre u'a poça muito verde de pódre, a si mesmo pergunta, surpreendido da tentação que o vencera, si de facto estava chelo e sujo dos terríveis peccados que levam ao inferno. "Confiteor de that he, Stephen Dedalus, had done those things?" Agora, só o confessorario. Mas como confessar tanta immundicie? E é uma scena de rara intensidade a que precede a confissão do adolescente; e a da confissão.

Em *Ulysses*, esse mesmo Stephen que já prefigurara as iniciaes S. J. ligadas ao nome, é homem sem fé consciente. Apenas restos subconscientes da fé antiga de ^{menino} ~~menino~~ agarram-se-lhe ao cerebro. E' Telemacho. Porque *Ulysses* — o Homem do seculo XX — é Leopold Bloom. O judeu Leopold Bloom, acclimatizado em Dublin. O qual tanto tem de accommodatio perante a vida quanto Stephen de inquieto e insatisfeito. Bloom chega a accommodar-se ao adulterio da esposa.

Dir-se-ia parte da obra formidável que é *Ulysses* uma como reportagem tachygraphica de flagrantes mentaes. Do muito que se pensa sem ter coragem de dizer. Do muito que é recalçado na vida mental do homem pelo "censor" da theoria freudiana. Joyce creou uma especie de methodo tachygraphico para apanhar esses flagrantes de vida mental interior.

Vida sem olhos e sem bocca — porém vida. Vida sem disciplina moral. O "carnaval dos miolos", na phrase do sr. Herbert Gorman.

O livro formidavel que é *Ulysses* conheci-o em Oxford, onde sua actualidade intensa era a inquietação de certos chás. O puritanismo conseguiu dalgum modo abafar-lhe a influencia, aliás destinada pela propria natureza do livro a aristocraticos limites. Mas o livro vae vencendo: e até sob as bananeiras do Rio já se ~~pronunciam~~ pronunciam o inglês facil do nome de Joyce. O inglês das suas obras, é que será o difficil de soletrar.

Ulysses traz um rhythmo novo para o romance. Nunca se escreveu um romance assim. A analyse de vida interior que ahi se faz é duma transparencia e duma complexidade perturbantes. Ao lado de *Ulysses* — escreve um critico — "*o Satyricon* é apenas o trabalho duma criança obescena. "It leaves Petronius out of sight" — observa o sr. Arnold Bennett. E Ezra Pound exalta-o sobre Cervantes, sobre Flaubert, sobre Proust.

Joyce quiz tomar do phenomen da vida um folego largo e forte; e para fixal-o como que adoptou ao romance o rhythmo da architectura medieval. *Ulysses* é complexo como uma cathedral. Não lhe encontro melhor comparação. E' a mesma concentração de symbolos e de aspectos da vida. Nas cathedraes gothicas representam-se vicios, virtudes, o feio, o bello, as cousas da terra e as do céu e as do inferno. *Ulysses* é assim. Um livro duma amplitude que perturba. A's vezes parece que é pouco chamal-o um livro.

GILBERTO FREYRE